

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANI OS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9500; Província, 3 meses 28500; África Portuguesa, 6 meses 66500; Estrangeiro, 6 meses 102500.
PAGAMENTO ADIANTADO

AS DEPORTAÇÕES

Afinal, quando se resolve o governo Gomes da Costa a mandar regressar os indivíduos que se encontram na Guiné e Cabo Verde?

Afinal, as promessas do general Gomes da Costa, quanto ao regresso dos indivíduos deportados pelo governo Vitorino Guimarães sob a acusação de «legionários» vermelhos, ainda não se converteram em realidade.

Na Guiné e em Cabo Verde agoniavam ainda sob a acção do tórrido clima algumas dezenas de homens que o torvo ódio do Partido Democrático para ali lançou sem possível remissão.

Juridicamente ninguém poderá afirmar que os homens enviados para aquelas inhóspitas paragens são criminosos.

Moralmente já provámos que muitos dos deportados estão inocentes e que não foram mais do que vítimas dos modernos carrascos da moderna Parreirinha.

Em favor desses inocentes depozeram já inúmeras pessoas, sendo todas unânimes em considerar a medida do governo Vitorino Guimarães, mais tarde ratificada pelo governo António Maria da Silva, como uma das mais monstruosas que regista a história portuguesa.

Depois, mesmo que todos os indivíduos deportados pertencessem a uma associação de malfetores, só um tribunal é que poderia decidir sobre a sua ida para a África.

Desde que ao poder judicial foi cometida a função de regular esses casos, só pelo seu *veredictum* poderiam ser arremessados para longe de suas famílias aqueles indivíduos que juridicamente se provasse ser delinquentes.

Como assim não se fez a medida é, além de desumana, anti-constitucional e arbitrária.

Mas agora o caso assume um outro aspecto. Não é só aos governos Vitorino Guimarães e António Maria da Silva que cabem responsabilidades da monstruosidade que vitimou esses desgraçados que o clima africano devora.

Ao governo Gomes da Costa cabem igualmente responsabilidades no crime, fazendo perdurar a tortura desses infelizes.

E as destes governos são tanto ou mais graves quanto é certo saber-se

A censura aperta o cerco em volta de «A Batalha»

Sabíamos já que o único objectivo da ofensiva censória contra a imprensa—cuja maior parte se submete tristemente, como se fosse de paisanos bisonhos—seria calar a voz da oposição.

Quem se não submeter aos censores, que tanto podem estar de mau humor como alegremente dispostos, uma e outra cousas naturais condições de humanos, arrisca-se a receber guia de marcha para a supressão. Para a supressão, pura e simples.

A função de um jornal, agora, é a mesma de um recruta: atender, na posição de sentido, à voz de comando do sr. oficial. Procedamos nós, assim, com falta de jeito igual à do recruta que ainda não conhece a instrução da arma.

E como o nosso desajeitado impaciencasse os rs. oficiais censores, distraíam-se, mais do que era legítimo, do seu aturado serviço de campanha, o primeiro castigo disciplinar já caiu sobre nós, já borrou de encarnado a nossa caderneta.

Recebemos ontem, duma só vez, as seguintes cartas:

A Redacção de «A Batalha»—Comunicamos a essa redacção que, em virtude de terem sido impressos no jornal «A Batalha» de hoje artigos de que não foram enviadas provas a esta comissão, como está determinado, alguns dos quais mencionavam referências depreciativas ao Ex.º Presidente do Ministério, para evitar repetições de factos semelhantes e porque esse jornal quebrou assim compromissos tomados, de hoje para o futuro essa redacção remeterá para efeitos de censura as provas de página, sobreando esse jornal os possíveis inconvenientes de tal medida, exclusivamente tomada em consequência do procedimento havido.

Lisboa, 25 de junho de 1926.
Joaquim Pratas Dias.

—A outra carta vinha redigida nos seguintes termos:

A redacção de «A Batalha»—Tendo sido preenchidos no jornal «A Batalha» do dia 24 os espaços eliminados pela censura com vários artigos, tornando assim manifestas ao público seleções de continuidade nos respectivos artigos o que, além de ir contra o espírito do expresso na alínea c das regras remetidas para esse jornal por esta comissão, não confirma a vantagem para os jornais, afirmada pelos seus representantes na reunião de 23 do corrente, da censura se efectuar nos grandes, porque que esta comissão aceitou para reduzir quanto possível os prejuízos de desta censura pudessem resultar para os interesses das empresas, informa-se essa redacção de

que tal processo é julgado inconveniente e manifestamente em desacordo com o estabelecido na referida reunião.

Nestas condições não deve tal processo ser usado nos números seguintes e antes serem preenchidos os espaços de forma a que se cumpram integralmente as instruções acima referidas e os compromissos tomados.

Lisboa, 25 de junho de 1926.
Joaquim Pratas Dias, coronel.

Se bem que a sua autenticidade não pudesse ser posta em dúvida, ambos os documentos não vinham redigidos em papel timbrado, mas em vulgar papel de carta, talvez comprado na papelaria da esquina.

Intil é dizer que as indicações da censura foram, por nós, embora constrangidamente, respeitadas. Contudo, «A Batalha» passa a sofrer um regime de excepção. Os artigos sempre foram fonte de receita do jornal, que os coloca onde melhor convém ao cumprimento de um contrato tácito. Todos os jornais publicam anúncios onde quem. Não entende assim a censura, e eis-nos em embarras para cumprir compromissos... obrigações, de acordo com justos interesses e irritadas exigências. De mal com os anunciantes por causa dos censores; de mal com os censores por causa dos anunciantes... Aperta-se o cerco, até que nós, os sítidos, possamos render-nos à língua de matéria substituída.

No gabinete dum fisiologista
Entre a paisagem da decoração,
Vi um cérebro dentro dum boião,
Talvez para estudo ou fazer vista.

A REVOLTA DOS CAMPONESES

Inicia hoje «A BATALHA» a publicação dum novo capítulo do romance de Eugénio Sue OS MISTÉRIOS DO POVO.

Deste novo capítulo, que se intitula «A Revolta dos Camponezes», pode a sua leitura ser iniciada sem prejuízo para o leitor, das partes já publicadas, visto a grande obra de Eugénio Sue estar dividida em períodos distintos.

PELOS HOSPITAIS CIVIS

O que conviria fazer para que o cargo de secretário da Direcção Geral fôsse desempenhado por uma entidade à altura daquela espinhosa missão

A rigorosa análise à direcção geral dos hospitais civis não cabe na capacidade de uns simples artigos. Tocar em todas as moléculas, ferir os pontos mais vulneráveis da referida direcção só poderia ser feito com brilho num volumoso livro, que constituiria uma admirável peça documental e histórica da vida hospitalar do nosso país.

Como isso é ainda uma doce utopia, contentemo-nos com estas claras sínteses que vimos publicando sobre os hospitais civis, até que esse grande livro se publique.

Nesses termos-vamos ainda hoje ocuparmo-nos da direcção e da administração geral, lançando um olhar retrospectivo sobre a primeira daquelas entidades, na parte que ainda não mereceu a nossa crítica.

Esse olhar retrospectivo vai para o secretário da Direcção Geral dos Hospitais Civis, um dos funcionários hospitalares com maior capacidade técnica e administrativa conferida pela Reforma Lobo Alves.

O secretário da Direcção Geral é hoje um dos chefes de repartição. São funções desse secretário levar diariamente ao director, para despacho, toda a papelada que diga respeito a assuntos que pelo director tenham que ser resolvidos.

O mesmo secretário tem ainda que apresentar ao Conselho Técnico, os assuntos que, por determinação do seu presidente, ou a pedido de qualquer dos seus membros, devam ser apreciados em cada sessão, prestando também todos os esclarecimentos necessários para a boa apreciação e discussão dos mesmos assuntos.

E' ainda o secretário da Direcção que colige todos os elementos necessários para o director geral elaborar os relatórios da direcção e gerencia.

Outras funções, e algumas de uma grande complexidade, estão cometidas ao secretário que, como já ficou dito, um simples chefe de repartição.

Agora um pouco de história: a Reforma Curry Cabral era muito mais perfeita na estrutura da Direcção Geral dos Hospitais Civis.

Curry Cabral defendeu, e com muito acerto, que o corpo administrativo tivesse a seguinte composição: um administrador geral, enfermeiro-mór, obrigatoriamente médico; um adjunto, obrigatoriamente pessoa que tivesse dado provas da competência em assuntos de contabilidade; um

secretário, obrigatoriamente, um bacharel formado em direito.

Desta organização apenas nos interessa hoje o secretário da Direcção Geral por ser ele que está em causa neste momento.

Nesta inteligência diremos que Curry Cabral estava mais dentro da boa doutrina.

As funções cometidas ao referido secretário não podem ter a latitude demarcada pela Reforma Lobo Alves.

O secretário da Direcção Geral não pode ser mais do que um auxiliar do director e nunca deverá sobrepor-se à vontade do director.

Sempre que não se respeite esse princípio a invação de atribuições irrompe com lava de vulcão e o choque de opiniões entre aqueles dois funcionários tornar-se há inevitável.

Depois, a natureza das funções adstritas ao secretário da Direcção Geral não se compadece com a competência dum chefe de repartição.

Nesta altura convém frizar que para nós um chefe de repartição é um funcionário credor de todo o nosso respeito e da nossa profunda admiração.

Não é demais também saber-se que as nossas apreciações em nada, absolutamente em nada, atingem o actual secretário da Direcção Geral sob o ponto de vista individual. Não conhecemos este cavalheiro, nem é deste cavalheiro que nos ocupamos, mas sim do cargo por ele desempenhado, o que é algo diferente.

Isto posto prosseguiremos, dizendo que o secretário da Direcção deve ser um bacharel formado em direito, pois só assim ficará aquele cargo preenchido por um verdadeiro técnico.

Repetimos: há assuntos que só podem ser compreendidos por pessoas versadas em questões de direito e deste modo o director geral encontrar-se-á admiravelmente auxiliado e não um indivíduo com quem várias vezes tem que discordar.

A forma precipitada como é exercido o jornalismo leva-nos a algumas gaffes tremendas. Ainda ontem cometemos uma de que nos vamos penitenciar. Dizíamos que pela Reforma Curry Cabral os chefes de repartição passaram a chefes de Secção. Não é assim, caros leitores. Pela Reforma Lobo Alves, é que os chefes de repartição passaram a chefes de Secção. Assim é que está certo.

A sede da Confederação Geral do Trabalho, não fizesse desaparecer, de mistura com algum dinheiro, todos os documentos de prova que ele tinha reservados.

Discursaram os advogados da acusação e defesa; em seguida recolheu o júri para deliberar e, decorrida perto duma hora, o júri voltou com as respostas aos quesitos, lavrando o juiz dr. Mendonça a seguinte sentença:

Condenados os dois artigos editoriais, cada um deles em quatro meses de prisão correcional, 200 escudos de multa, quatro meses a 1500 por dia, mais 150 escudos de indemnização para o Estado e sete escudos para os cofres do juízo. O juiz, usando da faculdade que a lei lhe garante, suspendeu toda a pena por dois anos.

As outras duas querelas foram absolvidas.

Em Espanha também...

Diz-se que foi descoberta uma conspiração republicana

MADRID, 25.—A polícia descobriu uma vasta conspiração republicana, prendendo numerosas personalidades políticas e militares.—(L.)

E confirma-se que foram presos muitos militares

HENDAYA, 25.—Confirma-se a notícia de se terem efectuado esta noite numerosas prisões em Madrid, entre as quais a de muitos militares, que faziam parte dum complot contra a segurança do Estado, e cuja descoberta levou as autoridades a tomarem medidas energéticas. Não há por enquanto detalhes precisos sobre o caso, sabendo-se, no entanto, que a calma é absoluta em Madrid, onde o acontecimento passou despercebido.—(H.)

Ah! quem me dera contar
Os loucos que o mundo tem,
Para poder encontrar
Um que censurasse bem...

Entradas de leão

PARIS, 25.—O primeiro acto administrativo do sr. Caillaux, após a sua posse da pasta das Finanças, foi a remessa duma carta-circular a todos os membros do gabinete, pedindo-lhes as maiores economias aos seus respectivos ministérios.—(L.)

Uma boa intensão sem êxito

LONDRES, 25.—O projecto de lei de Lord Astor, estabelecendo que nas famílias sem descendência masculina, a filha mais velha seja a herdeira do título da família, foi rejeitado pela Câmara dos Lords por 125 contra 60 votos.—(L.)

CARTA DO PORTO

Enquanto sua magestade o «povo soberano» se diverte, a atmosfera adensa-se na iminência da borrasca

PORTO, 25.—Nestes dois últimos dias de cavallhada sanjoanina tornou-se impossível tomar qualquer coisa a sério. Seria uma temeridade, nesta ocasião de bródio precursor de ranchos em descantes, arriscar-se qualquer discussão, por mais minúscula que ela fosse, sobre os perigos emergentes da opressão militarista.

Nós, porém, vimos em tudo isso uma dolorosa insensibilidade do povo que as classes conservadoras muito hábilmente exploram. Enquanto as camadas populares, nas suas boémicas diabruras de orgias sanjoaninas, foram aumentando a prostituição com a «queima» de algumas, de muitas virgindades, a casta reacção não deixou de conspirar contra as liberdades que nos estão sendo songadas. Verdade é que a reacção nunca nos tirará a liberdade de inconsciência como a manifestada na ramalhérica noite de São João...

O cheiro da pólvora das bombas, das granadas e dos morteiros sanjoaninos atordou-nos de tal maneira que nos tirou a obsessão do acre aroma da pólvora das espingardas, das metralhadoras, das peças, das bombas aviadoras com que amanhã os militaristas rebeldes e senhores da situação

política nos podem chamar, se quisermos ter a velocidade de nos insorgir contra a tirania caserneira que dolorosamente vai surgindo no horizonte negro dos retrocessos...

«Viva a pándega! «Ai oi balão...»

E a luminária multicolor da diversidade dos balões pendentes das cordas em túnel ou das ripas das ornamentações, impedindo-nos de visionar os fulvos bruxuleamentos da luz dos fogaréos que a «fardalhada» integralista cuida fazer ressurgir numa quadra muito próxima...

«O S. João este ano...» foi de maroteiro pago como os anteriores. E assim, ao deixarmos desluzar a nossa vista ante a fêbrica efusão de ouro rebrilhante e na frente da chuva miudinha das estrelas candentes que o magnífico fogo de artifício, abundantemente lançado durante a noite, espalhou pelos ares, momentaneamente iluminados pelos relâmpagos semelhados por alguns dos foguetes — deixámos também passar pela mente aquela ideia que poderíamos ter das modernas sarças ardentes e dos modernos foguetes da impostura e da hipocrisia que os novos Moisés da fariseia político-religiosa-militar da época, deitam pelas encostas dos Montes Sinai ou ao ar que as envolve, a fim de nos arrelamparem, de nos fanatizarem, de nos atemorizarem, de nos submeterem, após os sinóticos massacres desses modernos e embusteiros intérpretes dos textos «moralistas» do Moscho bíblico, legislador dos antigos hebreus...

Mas o São João moderniza-se, aristocratiza-se, afidalgua-se. Este ano, a fiação de automóveis e de trens foi bastante notória. Nas imediações das tradicionais Fontainhas, onde a população dos bairros mais afastados vai convergir, atropelar-se, amolgar-se — viu-se parada, mil autocarreticamente, uma infinidade de autos *chics*, como costumam suceder nas imediações do teatro São João, a quando das espalhafatosas réclams de caridade promovidas pela reconhecidíssima filantropia da nossa «Sociedade Elegante»... E esse facto inédito dos automóveis e trens obliterou-nos até a ideia que poderíamos ter da invasão das classes ricas, milicianas ou antigas, as próprias expansões do povo ludibriado, deturpando-lhes as suas características, as derradeiras características, eminentemente populares... A burguesia quer absorver tudo, não deixando nada do que é pertença do desgraçado — nem a simples nalgemice dos folguedos sanjoaninos...

Emfim! foi tudo isto que os dois últimos dias e as duas últimas noites de paródia e devassidão cantaram ruidosamente, nada sendo tomado a sério...

Haja saúde...

C. V. S.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

A actual situação

Começou a série progressiva?

Foram ontem, pelas 19 horas, presos para bordo da fragata «D. Fernando», o tenente coronel sr. Helder Ribeiro e o major sr. Alvaro Pope, embarcando num gazolina no arsenal da marinha, bem como o sr. dr. Pestana Júnior; os dois primeiros eram acompanhados pelo sr. general Lemos, com o seu ajudante de ordens, e o último pelo sr. governador civil de Lisboa. Este funcionário não acompanhou o preso até à fragata. Os presos antes de embarcar estiveram no comando geral da armada.

A censura é albarda

Que se põe a quem quer bem. Não q'remos ser albardados P'las tropas de Sacavem.

Um crédito para despesas com ordem pública

Do Diário do Governo, de ontem:

Sendo urgente a ultimção dos processos existentes nos Ministérios da Guerra e da Marinha, respeitantes ao pagamento de despesas com a manutenção da ordem pública e para cujo fim foi apresentada ao Parlamento, em 6 de Maio último, uma proposta de lei que não chegou a ser votada;

O Governo da República Portuguesa, em nome da Nação, decreta, para valer como lei, o seguinte:

Art. 1.º E' aberto no Ministério das Finanças, a favor dos Ministérios da Guerra e da Marinha, um crédito especial da quantia de 2.426.800\$ destinado a despesas resultantes da manutenção da ordem pública, sendo 3.245.800\$ para a Guerra e 1.000.000\$ para a Marinha.

Art. 2.º A importância de 3.245.800\$ será inscrita como reforço da verba inscrita no capítulo 22.º da despesa extraordinária do orçamento do Ministério da Guerra para o ano económico de 1925-1926, e a quantia de 1.000.000\$ constituirá o capítulo 10.º da despesa extraordinária do orçamento do Ministério da Marinha, para o referido ano económico, sob a seguinte rubrica: «Despesas com a manutenção da ordem pública».

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrário.

Tristeza, soluços, ais,
Nunca dá bom resultado;
Quem morre, não volta mais,
Quem censura, vive enganado.

A residência de Abd-el-Krim

FEZ, 25.—A conferencia franco-espanhola não tomou ainda qualquer resolução acerca da futura residência de Abd-el-Krim, que se encontra ainda em Fez, com os membros de sua família. Contudo, crê-se que o Chefe rifinense seja submetido a uma severa vigilância, afim de evitar qualquer incidente.—(H.)

O pânico bolxevista em Inglaterra

O trabalhista Mac Donald faz de Poncio Pilatos

LONDRES, 25.—Na Câmara dos Comuns, iniciou-se esta manhã o debate sobre o auxílio vindo da Rússia para a actividade política subversiva na Grã-Bretanha, tendo sido apresentada uma moção de adiamento.

A selecção dos principais documentos apreendidos nas associações comunistas foram ontem oficialmente publicados, sendo-lhes feitas frequentes referências na primeira parte do debate, no qual participaram o ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. Chamberlain e Ramsay Macdonald, *leader* da opposição.

Os aludidos documentos comunistas contêm verdadeiros comentários hostis à política do sr. Macdonald e do seu governo trabalhista, dizendo ser absolutamente urgente que o partido trabalhista e os políticos burgueses sejam fortemente atacados.

O sr. Macdonald afirmou que tais ataques ao governo trabalhista e a ele próprio são altamente apreciados pelo partido acrescentando serem os documentos uma prova para o público ignorante que tem confundido o partido comunista com o partido trabalhista, considerando-os como um só partido.—(L.)

Um livro que diz como anda o governo

LONDRES, 25.—O governo publicou um Livro Azul contendo todos os documentos relativos à intervenção dos comunistas russos na política interna do Império Britânico.—(L.)

O que discutiram as sumidades britânicas

LONDRES, 25.—No debate travado hoje na Câmara dos Comuns sobre o auxílio russo aos comunistas britânicos, Lloyd George comentando os documentos publicados no «Livro Azul» afirmou que a correspondência nele inserida fornece suficiente campo para uma ruptura das relações diplomáticas com a Rússia, pois se prova a remessa de avultadas somas de ouro para fomentar a revolução e destruir a Constituição Britânica, mas não ilimitadas como se afirmava.

O comandante Hilton Young, conservador, declarou que o governo tem sérios deveres a cumprir para com o povo britânico, protegendo-o contra a influência corrupta do ouro estrangeiro e do agente secreto, devendo chegar até à rutura das relações directas com o governo soviético.

O sr. Macdonald, em seguida fez uso da palavra, declarou que a propaganda feita pela Rússia, ou por qualquer outro país, com o seu dinheiro e agentes próprios, poderia entender-se num país com o qual não tivesse relações comerciais importantes.

Nas presentes condições—proseguiu o «leader» trabalhista—ao governo britânico não convém denunciar o acordo comercial, há pouco posto em vigor, pois a Rússia teria um melhor pretexto para aumentar a sua hostilidade contra a Inglaterra.

O sr. Chamberlain, respondendo aos oradores antecedentes, declarou que duas questões se apresentam perfeitamente distintas, uma a rutura das relações diplomáticas...

ticas e outra a denúncia do acordo comercial.

Quanto à primeira, o ministro dos Negócios Estrangeiros não hesita em responder afirmativamente, mas relativamente à segunda, responde negativamente, não por que entenda que o governo dos soviéticos tenha direito a qualquer consideração em face da sua atitude, mas porque os interesses britânicos e os interesses da paz do mundo não poderiam ser servidos pela ruptura de todas as relações com o governo da Rússia, pois se assemelha ao governo de qualquer outro país, embora seja impossível declarar que as suas relações com os outros países são amigáveis ou correctas.

O acordo comercial proíbe a ingerência dos sinistros nos negócios internos de cada um, usando então o governo soviético do subterfúgio de fomentar a propaganda anti-britânica feita por ingleses.

Tem sido sugerida a abertura de novas negociações, mas o ministro dos Estrangeiros considera-as indezíveis, visto os soviéticos não honrarem os seus anteriores compromissos.

O sr. Chamberlain terminou recordando ter feito parte do governo de coligação chefiado pelo sr. Lloyd George, que concluiu o acordo comercial anglo-russo, convidando o «leader» liberal a reconhecer que as suas esperanças não foram coroadas de êxito.

Um decreto que regula o uso e porte de armas

Decreto publicado ontem na folha oficial e que regula o uso e porte de armas.

Artigo 1.º Serão julgados pelo tribunal militar territorial, a cuja área pertencer a localidade onde forem cometidos, todos os crimes a que se referem as alíneas a), b) e c) do artigo 1.º da lei n.º 969, de 11 de Maio de 1920, e bem assim os crimes de uso e porte de armas de fogo absolutamente proibidas.

Artigo 2.º Os arguidos de crimes a que se refere o artigo anterior serão presos, sem admissão de caução, e interrogados nas primeiras vinte e quatro horas após a apresentação no tribunal competente, a qual deve ser feita no mais curto prazo.

Artigo 3.º O corpo de delito será feito dentro de cinco dias, a contar do auto de notícia, pelas autoridades que para esse efeito forem competentes e remetido, nas vinte e quatro horas seguintes, ao tribunal a que o julgamento compete.

Artigo 4.º Nas quarenta e oito horas seguintes será lançado o despacho de pronúncia, o qual será intimado aos arguidos nas vinte e quatro horas seguintes.

Artigo 5.º Deste despacho poderão os arguidos interpor recurso no prazo de três dias, mas o tribunal superior somente conhecerá deste recurso quando o processo subir em apelação interposta da sentença final.

Artigo 6.º Dentro do mesmo prazo deverão os arguidos apresentar o rol de testemunhas de defesa, que não poderão exceder a dez, seja qual for o número de factos alegados, e qualquer prova documental que queiram produzir.

Artigo 7.º O julgamento far-se-á dentro dos cinco dias seguintes, devendo as testemunhas, tanto as de acusação como as de defesa, comparecer nesse acto, sendo para esse fim requisitadas ou apresentadas pelas partes a que respectivamente pertencem ao tribunal, devendo as outras ser intimadas.

Artigo 8.º As requisições poderão ser feitas por via postal ou telegráfica.

Artigo 9.º O julgamento observar-se-á nos preceitos que regulam o funcionamento destes tribunais, escrevendo-se os depoimentos por extracto.

Artigo 10.º Se os arguidos não tiverem sido presos, o auto de notícia e o corpo de delito serão enviados ao tribunal competente logo que decorra o prazo marcado no artigo 3.º, e este tribunal mandará citar os arguidos por editos de quinze dias, que serão publicados no Diário do Governo, e em dois jornais dos de maior circulação, para, no prazo de oito dias, se apresentarem perante o mesmo tribunal, a fim de serem interrogados e acompanharem o processo.

Artigo 11.º Se o arguido se não apresentar no tribunal no prazo assinado, o juiz auditor lançará dentro de vinte e quatro horas o despacho de indicição e seguir-se-á o processo na altura em que este se encontrar.

Artigo 12.º Aos agentes dos crimes referidos no artigo 1.º deste decreto é aplicável a pena de degrado de dois a quinze anos para qualquer parte do território colonial da República, salvo se ao crime for aplicável maior pena pela legislação em vigor.

Artigo 13.º Os indivíduos que forem portadores ou detentores de explosivos ou de armas proibidas, e que, no prazo de quarenta e oito horas, a contar da publicação deste decreto, as entregarem nas sedes dos comandos militares, ou, na sua falta, nas administrações dos concelhos, ficam isentos de qualquer responsabilidade.

Artigo 14.º Fica revogada a legislação em contrário.

Um que se salva

Pediu a exoneração do cargo de chanceler do conselho da Ordem da Torre Espada o contra-almirante sr. Gago Coutinho, cargo de que não chegou a tomar posse.

Que ingratos...

LONDRES, 25. — A Câmara dos Lordes rejeitou, por 125 votos contra 80, a proposta que permitia voltar na Câmara dos Lordes as mulheres herdeiras do direito de ser Par, ou as autorizadas especialmente a fazerem parte da Câmara. — (H.)

Um que se salva

Pediu a exoneração do cargo de chanceler do conselho da Ordem da Torre Espada o contra-almirante sr. Gago Coutinho, cargo de que não chegou a tomar posse.

Que ingratos...

LONDRES, 25. — A Câmara dos Lordes rejeitou, por 125 votos contra 80, a proposta que permitia voltar na Câmara dos Lordes as mulheres herdeiras do direito de ser Par, ou as autorizadas especialmente a fazerem parte da Câmara. — (H.)

Um que se salva

Pediu a exoneração do cargo de chanceler do conselho da Ordem da Torre Espada o contra-almirante sr. Gago Coutinho, cargo de que não chegou a tomar posse.

Que ingratos...

LONDRES, 25. — A Câmara dos Lordes rejeitou, por 125 votos contra 80, a proposta que permitia voltar na Câmara dos Lordes as mulheres herdeiras do direito de ser Par, ou as autorizadas especialmente a fazerem parte da Câmara. — (H.)

Um que se salva

Pediu a exoneração do cargo de chanceler do conselho da Ordem da Torre Espada o contra-almirante sr. Gago Coutinho, cargo de que não chegou a tomar posse.

Que ingratos...

LONDRES, 25. — A Câmara dos Lordes rejeitou, por 125 votos contra 80, a proposta que permitia voltar na Câmara dos Lordes as mulheres herdeiras do direito de ser Par, ou as autorizadas especialmente a fazerem parte da Câmara. — (H.)

Um que se salva

Pediu a exoneração do cargo de chanceler do conselho da Ordem da Torre Espada o contra-almirante sr. Gago Coutinho, cargo de que não chegou a tomar posse.

A tirania e o favoritismo exercidos no Corpo de Bombeiros

Antes da hora e no local aprazado, já o nosso solicitado informador nos aguardava.

—Que impressão tem produzido os artigos de A Batalha?

—A de sucessivas faíscas sobre matérias prestes a inflamarem-se; explosão retumbante, mas sem consequências, abafada num âmbito de concepção e terrorismo democráticos. A imagem mete termos técnicos. Queira concretizar. A campanha encetada pela Batalha, embora o não pareça, encontrou na Corporação um ambiente de franco apoio e aplauso. Simplesmente, como já lhe declarei na nossa última entrevista, os homens que a compõem, honestos, mas faltos de coragem, estabelecendo nos seus espíritos um paralelo entre o que a Corporação foi e o que é, e sentindo quanto os erros apontados nas colunas de A Batalha tem contribuído para a decadência da Corporação, nada mais fazem que comentá-los, desalentados.

—Uma tristeza imensa me invade quando, após cada artigo publicado sobre aquela crápula, ou de todos os lados clamar que ainda é pior, que ainda A Batalha não sabe tudo. A sobre atitude assumida pelos ferroviários do Sul e Sueste, não consentindo mais para seus dirigentes os indivíduos que os junciam à canga da escravidão, seria bom exemplo.

—Desseja então que a sua classe siga-se esse exemplo?

—A minha classe deveria seguir esse exemplo, mas teria então que desenvolver extraordinariamente a sua actividade. Essa negra figura de pernicioso acção, sintomaticamente designada por presidente da «Junta Governativa», recolheria à situação que lhe prescreveu a junta médica a que foi submetido já por duas vezes e que o deu por incapaz para todo o serviço.

—Das numerosas alcavalas que usufruem 900000 como chefe das oficinas, 750000 como ajudante do Corpo, uma bela e ampla casa no Quartel n.º 1, profusamente iluminada a expensas do cofre da Câmara e munida dum excelente fogão feito por sua ordem nas oficinas a seu cargo, onde é queimado abundante combustível que lhe não custa dinheiro, metade da horta que igualmente devia ser dividida pelos bombeiros e na cultura da qual se emprega permanentemente um bombeiro—ainda lhe ficaria com que viver à ufa. E a Corporação libertar-se-ia duma figura sinistra que lhe perturba todos os momentos de tranquilidade. Espere um pouco!

—Aos empregados Alfredo Alberto Ferreira e José Pais, que A Batalha tão justicadamente designa por sobras, seriam pedidas contas das irregularidades em que conscientemente têm colaborado e praticado. Este último, ainda ontem, como que a desafiar a paciência de cada um, saindo com um automóvel, gritava, gesticulando provocadamente: «já vai mais uma para A Batalha». No dia seguinte entrava no Quartel 10, no mesmo automóvel, que era então guiado pelo vereador dos incêndios. Seria, igualmente, de toda a conveniência averiguar da forma porque se tem feito aquisições de carros que, para salvar engravados, se arrumam para a Câmara de Incêndios onde não há maior necessidade deles.

—Em virtude desses esbanjamentos resulta não haver dinheiro para pagar as férias aos operários nem aos bombeiros às vezes.

—Mas,—objectámos—julgamos que esses funcionários, conquanto lhes caibam reconhecidas culpas nos desmandos cometidos, não são, no entanto, quem deve responder por eles em primeiro lugar?

—En lá digo: Em Portugal, onde só as leis que beneficiem os grandes lhes prendem as atenções, não é possível, por defeição sistemática, torná-los responsáveis pelo não cumprimento das outras ou pela sua perturbação.

—Por isso seria até trocado quem uma vez se lembresse de chamar à barra das responsabilidades um vereador, especialmente um vereador democrático. Quanto ao comandante, porém, exigir-se-ia a sua virtual demissão por não estar à altura do lugar que desempenha.

—Mas nós estamos informados que pelos seus esforços se dotou a corporação de material moderno.

—O comandante Parente era um homem honrado. Não tem conta os officios por ele enviados à Câmara contendo o orçamento especificado do material que necessário se tornava adquirir. Porém, o comandante actual jogava pela certa. Jogava na lista democrática que contém a sorte grande permanente.

—Diz um aforismo:

A sorte grande é uma coisa que sai sempre aos outros. Na lista democrática não. A sorte grande sai-lhes sempre a eles. O comandante jogava na lista patrocinada pelo sr. António Maria da Silva. E' claro que abichou a sorte grande política. Parece que ainda lá havendo mosquitos por cordas como o coronel Feirreira que não teria gostado muito da maneira como a coisa foi arranjada com o P. A. M. Mas tudo se resolveu em família.

—Mas que é activo?

—Olhe meu amigo. O povo com pouco se ilude. Suponha duas casas: A primeira, modestamente mobiliada, mas com muita ordem e regulando muito bem as suas despesas. A outra, bafejada com a sorte grande, fornecida de bons móveis e apetrechos mas onde se gasta sem conta, «tão nem medida, onde não há ordem nem método, nem noção de economia. A primeira, o antigo Corpo de Bombeiros. A segunda, o símbolo do moderno. Da competência, tacto administrativa e linha de conduta do comandante eu lhe falarei de outra vez. — (H.)

Expulsão da França

A 29 de Novembro leu aos polacos o seu famoso discurso para uma reconciliação revolucionária dos polacos e dos russos. A pedido do embaixador russo foi expulso da França e dirigiu-se a Bruxelas em 19 de Dezembro, onde viu muitos polacos e também o círculo comunista alemão que rodeava Marx, que lhe era profundamente antipático.

Falou novamente numa reunião em 14 de Fevereiro de 1848, aberta por Lelewel para a fraternização dos democratas polacos e russos; segundo a «Confissão», falou também do grande porvir dos escravos, que estavam indicados a renovar o mundo ocidental; da destruição da Áustria, etc., etc. (O texto do discurso não foi publicado).

O embaixador russo (conde Kisselef) tinha querido arruiná-lo, ao mesmo tempo que pela expulsão, pela insinuação caluniosa de que era verdadeiramente um agente russo que se havia excedido, o que foi feito saber ao governo francês por intermédio dos polacos. Bakunine respondeu em carta aberta ao ministro do Interior, conde Duchatel (7 de Fevereiro de 1848), mas a calúnia foi propagada depois da revolução de Fevereiro, pela mesma fonte, também nos meios democráticos, e lançou uma sombra sobre toda a sua vida no ano próximo, 1848-49, ultimo período das suas actividades de então.

A revolução de 1848 — Viagens de Bakunine

E' necessário descrever a alegria de Bakunine quando estalou enfim a anseada revolução. Até a resignada «Confissão» de 1851 contém uma descrição entusiástica da vida e movimento do ambiente popular de Paris, como o conheceu até Abril, e a «Reforma» de 13 de Março contém um largo artigo seu que resume as suas ideias. Percebia, porém, mais amargamente, a completa ausência de uma revolução russa, e isso o impulsionou a fazer todo o possível em favor dela.

O poder russo estava à disposição da contrarrevolução e esta foi estabelecida por ele na Hungria em 1849. O ano de 1848 não apresentava como improvável um choque dos povos rebeldes da Europa com a Rússia de Nicolau I, e os polacos, trabalhavam nesse sentido. Bakunine desejava impedir esse choque e as ideias da federação eslava pareciam-lhe apropriadas. Essa federação deveria associar todos os eslavos, polacos e russos, ao grito de guerra da libertação dos escravos subjugados sob o Estado prussiano, austro-húngaro e turco.

Faltavam-lhe todos os meios efectivos; depois de se dirigir a Florença, Louis Blanc, Albert e Ledru-Rollin, recebeu 2000 francos como empréstimo e em tudo o mais ficou à mercê dos polacos. Dirigiu-se à Alemanha, onde, por um lado o perseguiu

Eshôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

Oshôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

Oshôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

Oshôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

Oshôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

Oshôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

Oshôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

Oshôço biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

A BATALHA

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

A BATALHA

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

A BATALHA

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgotado moralmente, é preso em Chemnitz, Saxónia, com outros chefes da revolução, na noite de 9-10 de Maio, facto que poz um fim à sua actividade por muitos anos.

(Continua)

A BATALHA

Bakunine não encontrou o seu socialismo em nenhuma das tendências existentes e não cza, o que lhe motivou expulsões e teve sua influência no seu processo da Saxónia (1849-50) e se repercutiu ainda no seu destino na Rússia, em 1851.

Na sua viagem seguiu o itinerário de Baden a Frankfurt e Colónia (onde rompeu completamente com Marx por causa de Herwegh), depois a Berlim (onde a polícia lhe impediu a viagem a Posen), a Leipzig e Breslau, um ponto de repouso, onde encontrou muitos polacos; depois ao congresso dos eslavos em Praga, onde tomou uma acção intensiva e a que se seguiu a semana sangrenta de Pentecostes (junho), uma insurreição que não chegou a eclodir por completo e a que ele desejou, claro está, dar completa expansão e intensidade.

Depois regressou a Breslau e em seguida a Berlim; foi expulso da Prússia e da Saxónia; finalmente no outono-inverno, teve alguns meses de tranqüilo e agradável asilo em Koethen (Anhalt), o oásis de então da liberdade na Alemanha, onde os ministros, velhos amigos de Marx, Stierner e companhia, eram seus companheiros de mesa no restaurante. Depois, quando a conspiração se fez mais intensiva, dirigiu-se a Leipzig, fazendo uma vida clandestina, interrompida por uma viagem ainda mais clandestina a Praga e, finalmente, apresentou-se em Dresden para estar mais perto da Boémia. Aqui o surpreendeu a revolução de Maio de 1849, em cuja preparação poz toda a sua energia e cujo destino compartilhou até que, depois de muitas noites sem dormir, esgot

MARCO POSTAL

Pôrto—A Comuna.—Indiquem a quantidade de tomos dos "Mistérios do Povo" que devemos enviar.

Monteito—Associação dos Rurais.—Recebemos vale do correio de 8350. A assinatura ficou paga até 21 do corrente.

Panoias—Antônio Gaspar.—Recebemos 1250. Assinatura paga até 31 de julho p. f.

Coimbra—Arnaldo Simões Januário.—Recebemos 9550 para pagamento da assinatura de Antônio Ramos Correia.

Almancil—Manuel António.—Recebemos vale de 40500. Pagou a "Renovação" de 1 de Janeiro a 30 do corrente; e o diário e o Suplemento desde 1 de Março a 10 de Maio p. p.

AGENDA

CALENDÁRIO DE JUNHO

D.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,13
T.	8	15	22	29	Desaparece às 20,5
Q.	9	16	23	30	FASES DA LUA
Q.	10	17	24		L. C. dia 27 às 11,40
Q.	11	18	25		Q. M. " 5 " 3,43
S.	12	19	26		L. N. " 11 " 22,55
					Q. C. " 19 " 17,48

MARES DE HOJE

Fraimamar às 3,00 e às 3,22
Baixamar às 8,30 e às 8,52

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid cheque		3\$19
Paris, cheque		\$57,5
Suiza, cheque		\$57,8
Bruxelas cheque		\$57,5
New-York, cheque		19\$55
Amsterdão, cheque		7\$85
Itália, cheque		\$71,5
Brasil, cheque		2\$90
Praga, cheque		\$58
Suécia, cheque		\$525
Austria, cheque		\$277
Berlim, cheque		\$466

ESPECTÁCULOS

TEATROS
São Luiz.—A's 21,15.—O Homem das 5 Horas.
Papo Seco.
Ipole.—A's 21,15.—O Santo António.
Fenelon.—A's 21,15.—O Dr. da Mula Ruça.
Santo Ivo.—A's 21.—Variedades.
Cinema Iluminado (à Graça).—Espectáculos às 3,30.
A's 8,30.—sábados e domingos com ematice.
Fenelon Parque.—Todas as noites. Concertos: di-
versos.

CINEMAS
Tivoli.—Olympia.—Central.—Condes.—Chiado Ter-
race.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.
Tertioise.—Cine Paris.

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantinárias e marmores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:
Calçada do Combro, 30-B. 2.º

Associação de Socorros Mútuos INFANTE D. HENRIQUE

Sede—R. do Arco de Bandeira, 173, 2.º—Lisboa

AVISO

Nos termos do art.º 48.º, convoco a assembléa geral a reunir no próximo dia 30 do corrente, pelas 21 horas, na sede social:

ORDEN DA NOITE

Leitura, discussão e votação do relatório e contas de 1925 e parecer do conselho fiscal.

Leitura, discussão e votação de um projecto de reforma dos estatutos.

Não reunindo por falta de número de sócios exigidos pela lei estatutária, fica desde já a mesma convocada nos termos do § 5.º do art.º 48.º para o próximo dia 3 de julho, no mesmo local e a mesma hora. Lisboa, secretaria da mesa da assembléa geral em 18 de junho de 1926.

O Presidente da Mesa, (a) Antonio Almeida Neves.

**E' bom beber mas...
Sabendo o que se bebe
sabendo quanto se bebe**

Procurai com confiança qualquer FILIAL da

Empreza Val do Rio J.º
(RECONSTITUIDA)

**VINHOS, AZEITES, VINAGRES
OS MELHORES**

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES:

RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.º

Telefone 207 C.

**Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses**

AVISO AO PÚBLICO

Navos multiplicadores — 4.º aditamento ao aviso ao público A. n.º 82

De harmonia com a portaria n.º 4613 de 24 de Abril p. p., desde a data do presente e para efeito da aplicação do multiplicador 6, consideram-se incluídos na alínea a) da 2.ª das restrições do aviso ao público A. n.º 82 os seguintes mariscos: chocos, lulas, ostras e polvo fresco.

O director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

1.º aditamento à tarifa geral

De harmonia com a portaria n.º 4613 de 24 de Abril p. p., consideram-se incluídos nos gêneros frescos designados no artigo 29.º da tarifa geral, aos quais é aplicável a base 6.ª da mesma tarifa, mais os seguintes: chocos, lulas, ostras e polvo fresco.

Lisboa, 8 de Junho de 1926.—O director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

Aditamento ao Aviso ao Público A. n.º 93.—Expedição de peixe nas estações de Alcântara-Terra e Braço de Prata.

Sendo necessário descongestionar o mais possível o serviço de mercadorias na estação de Lisboa-Caes dos Soldados, previne-se o público de que, a partir de 20 de Junho de 1926, a recepção de remessas de peixe em grande velocidade que actualmente se faz nesta estação, nas condições do Aviso ao Público A. n.º 80 de 23 de Fevereiro de 1925, passa a ser efectuada na estação de Alcântara-Terra, em todos os dias, incluindo domingos e dias de feriado nacional, das 9 às 16 horas para as linhas de Leste, Beira Baixa, Beira Alta, Vale do Vouga e Minho e Douro, e das 9 às 17 horas para qualquer outro destino.

Na estação de Braço de Prata continuará a recepção de remessas de peixe em grande velocidade, em todos os dias, incluindo domingos e dias de feriado nacional, das 10 às 18 horas, mas unicamente para os destinos de Olivais até Entroncamento.

Como nos apeadeiros da Linha de Cintura não são aceites expedições ordinárias, a apresentação do peixe a expedir dessa zona deverá ser feita na estação de Braço de Prata durante as horas acima indicadas. Fica, no entanto, em vigor o disposto na Tarifa Especial n.º 3 de G. V. (condição 4.ª) acerca do transporte de volumes portáteis com pescaria.

O presente Aviso anula e substitui o referido Aviso ao Público A. n.º 80 de 23 de Fevereiro de 1925.

Lisboa, 12 de Junho de 1926.—O director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

MELINA

É O MELHOR

MATA FORMIGAS

A' venda em toda a parte

DEPÓSITO GERAL:

Fernandes Almeida & C.ª, Limit.ª

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º—Lisboa

Telefone C. 2422

Agentes no Funchal

ELMANO S. GOMES

R. do Coronel Cunha, n.º 53

PEDRAS "METAL AUER"

PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LARGO DO CORPO SANTO, 55

Duzia \$40; 100, \$280; mil, \$2500

Pedra grande, duzia, \$80

FATOS
completos e
sobretudo

em bom cheviote, com bons
forros e bom acabamento,
para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-
tudos, feitos e por medida

batim entos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-
ciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10
horas.
Pele e sífilis—Dr. Correia Pigueiredo—11 e às
5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—
2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—
12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 ho-
ras.
Doenças das senhores—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 ho-
ras.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5
horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Aires Soldado—4 horas.
Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

Policlínica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º

TELEF. N. 1300

Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às
10 horas.
Dr. António Monteiro—Clínica geral,
senhores e crianças, às 11 horas.
Dr. Lourenço Raimundo—Rins e vias
urinárias, às 13 h.
Dr. António Fernandes—Medicina geral
e doenças nervosas, às 15 h.
Dr. João Saraiva—Doenças dos olhos,
às 15 h.
Dr. João de Moraes Sarmiento—Gineco-
logia e operações, às 16 h.
Dr. Raival Saavedra—Pele, sífilis e pul-
mões, às 17 h.
Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz
e ouvidos, às 15 h.
Análises clínicas, electroterapia,
maçagem e ginástica médica

LIMAS NACIONAIS

Só a grande filial
de propaganda tem
dado lugar a 413
sindicalistas cor-
tados em 1925
sindicalistas estran-
geiros, visto que
as limas marca
"Touro" da En-
trepreneur, Ltd., são
única Touro Feteira, Ltd., e
qualidade com as melhores
Experimentem, pois, as
construam a vossa em todas
as cidades de ferragem e pa-
lha.

ASSINEM Os mistérios do Povo

OS AUTOMOVEIS
CITROËN

Que pela sua linha elegante, robustez e economia, se
vêm hoje em todo o país, atravessando sem temor as
suas piores estradas, são agora apresentados ao público
em Lisboa no

SEU NOVO SALÃO DE EXPOSIÇÕES:

AVENIDA DA LIBERDADE, N.ºs 44 a 48

Preços dos vários modelos 10 cavalos (68x100)

Torpedo comercial, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo Standard, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 17.500\$00
Torpedo série de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.000\$00
Torpedo especial de luxo, 10 H. P., 5 lugares	Esc. 19.800\$00
Cabriolet, 3 lugares	Esc. 23.000\$00
Conduite intérieure, 4 lugares	Esc. 25.000\$00
Landulet, grande luxo, 6 lugares	Esc. 26.500\$00
Landulet, taximetro, completo, 6 lugares	Esc. 26.000\$00

Todas as "carrosseries" de aço, assen-
tos desmontáveis, "mise-en-marche"
eléctrica, e cinco rodas calçadas, com
pneus Michelin.

PEDIR CATALOGOS E MAIS DETALHES A:

EDUARDO ROSA, LIMITADA
LISBOA

BOTAS
CALÇADO A PREÇO DE REVENDA

SECCÃO DE CHAPELARIA

Tudo barato

Sapatos para senhora desde 45\$00

Botas para homem em vitela preta
desde 50\$00

Botas para homem forma da moda
côr ou preta a 75\$00

Sapatos verniz senhora a 60\$00

Sapatos crepe celilás última moda a \$

Botas crepe celilás última moda a \$

Grande quantidade e variedade de
calçado de crianças.

Grande stock de sandálias.
Dê-se um brinde, a quem comprar
nesta casa e apresente este anúncio.

Vêr os preços de sensação nas nos-
sas montas.

SAPATARIA BRASIL

206, Rua da Madalena, 212

**Companhia dos Caminhos
de Ferro Portugueses**

Serviço combinado com a Compa-
nhia dos Caminhos de Ferro de Madrid
a Zaragoza e a Alicante.

Combóio especial com 1.ª e 2.ª classes de
Lisboa-R a Badajoz e volta por motivo das
touradas em Junho de 1926, ida-dia 24:
volta-dia 25.

HORÁRIO DOS COMBÓIOS

Ida—Dia 24—Estações—Lisboa Rocio, P.

**O AUTOMÓVEL SÓ ERA
ACESSÍVEL AOS RICOS**
A Cooperativa Lisbonense
de Chauffeurs
PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhado-
ras têm o dever de preferir o
taxis "Citroën" (palhinha ama-
rela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

7,40; Vila Franca, 8,27; Azambuja, 8,47;
Santarém, 9,19; Entroncamento C. 9,50;
P. 10,15; Praia, 10,33; Abrantes, 10,57; Pon-
te de Sôr, 11,42; Torre das Vargens, 12,00;
Crato, 12,49; Portalegre, 13,18; Elvas, 14,31;
Badajoz, C. 14,53.

Volta—Dia 25 — Estações — Badajoz, P.
23,20; Elvas, C. 23,42; Portalegre, 1,17; Cra-
to, 1,39; Torre das Vargens, 2,19; Ponte de
Sôr, 2,41; Abrantes, 3,17; Tramacal, 3,32;
Praia, 3,46; Entroncamento, 4,04; Santarém,

4,43; Azambuja, 5,15; Vila Franca, 5,34;
Lisboa Rocio, 6,30.

Para este combóio são válidos os bilhe-
tes especiais de ida e volta a preços re-
duzidos indicados no cartaz E. 1.268 de 17 de
corrente.

O número de lugares deste combóio é
limitado.

Lisboa, 21 de Junho de 1926.—O Direc-
tor Geral da Companhia, *Ferreira de Mes-
quita*.

cam a menoridade de Luiz XIII venham a perturbar
a Bretanha.

E continuarei a inscrever regularmente nos nos-
sos anais de família os novos factos de que tiver
conhecimento; mas encerro aqui a minha bíblia por-
tátil, começada por meu avô Christiano, o impres-
sor, no reinado de Francisco I, reinado sinistro que
viu instituir-se a companhia de Jesus e começarem
as perseguições contra os Reformados.

A REVOLTA DOS CAMPONESES

(1610-1715)

O REINADO DE LUÍS XIII

Eu, Salaün Lebreñ, filho de Stéphan, que era
filho de Antonio, o qual acabou a legenda da Bíblia
Portátil, começada por seu avô Christiano, o impres-
sor; eu Salaün Lebreñ, escrevi o que se segue:

A ti, meu Alain Lebreñ, filho querido, lego esta
legenda, que continua os nossos anais plebeus. A estas
páginas juntarei um martelo de ferro para aumen-
tar as reliquias da nossa família; tu as transmitirás,
como os nossos anais, aos teus descendentes.

Meu avô, Antonio Lebreñ, morreu com setenta
e sete anos, a 11 de Novembro de 1616. Stéphan,
filho de Antonio, que tinha vinte e três anos quando
lhe morreu o pai, continuou a habitar a fazenda de
Karnak, dependente de Mezleán e Plouernel; depois,
por direito de uso, Stéphan, ao fim de um certo nú-
mero de anos, ficou sendo vassalo da casa de Plou-
ernel. Casou aos vinte e seis anos (1619) e teve deste
casamento dois filhos: eu Salaün (nascido em 1625) e
meu irmão Gildas (nascido em 1628). Nosso pai
Stéphan, tão bom como tímido e resignado, sofreu,

sem se queixar, tôdas as misérias, vergonhas e tor-
mentos da vassalagem; morreu a 13 de fevereiro de
1651, na idade de cinquenta e oito anos.

Meu irmão Gildas, tão bom, paciente e resignado
como meu pai, ficou na fazenda de Karnak, na costa
da Bretanha armoricana.

Menos sofredor que os dois, e com vocação para
a vida do mar, que tinha diante dos olhos desde a
infância, entrei como grumete, aos quinze anos, para
um navio do pórtio de Vannes.

Naveguei muito e cheguei a marinheiro, e mais
tarde fui capitão dum navio mercante. Depois, graças
às minhas economias, comprei um navio e viajei por
minha conta.

Casei a primeira vez, em 1646, com Janik Tankern,
irmã dum ferreiro de Vannes; a minha querida e cho-
rada mulher fez-me tão feliz quanto possível, e eu fiz-
-lhe o mesmo.

Em 1651 deu-me ela um filho, a quem chamei
Nominé, e a quem eu devia infelizmente sobrevi-
ver... Ides ler a sua história na legenda que vos lego,
filhos de Joel.

Antes de começar esta dolorosa narração, vou,
segundo o costume dos que têm escrito os nossos
anais, relatar resumidamente os factos importantes
ocorridos desde a morte de Henrique IV até ao
começo do reinado de Luiz XIV.

Depois da morte de Henrique IV, seu filho Luiz
XIII, ainda criança, subiu ao trono, em 1610. Maria
de Médicis regou o reino, tendo então trinta e três
anos. Bela, altiva, indolente, católica intransigente,
ela tinha, entre outros amantes, um italiano chamado
Concini, alto, elegante, hábil em todos os exercícios
corpóreos. Este favorito foi modesto durante a vida
de Henrique IV; mas, por morte d'ele, a sua insolên-
cia tornou-se então sem limites; até os mais poderosos
senhores o temiam.

Ele tinha uma mulher, chamada Leonor Galigai,
astuta, hábil e sem preconceitos, que favorecia as rela-

ções adúlteras do marido com Maria de Médicis, e
exercia nesta uma grande influência.

Os governadores das províncias, não sentindo já
a influência de Henrique IV, declararam-se indepen-
dentes do poder real.

Os seus auxiliares e cúmplices, eram os fidalgos
que seguiam a carreira das armas. Os governadores
pagavam, vestiam, sustentavam e protegiam estes
clientes, que, em troca, eram os instrumentos das
extorsões e vinganças dos seus senhores, combatiam
contra os governadores vizinhos, e, se fosse preciso,
contra o rei.

Eis em que condições se encontrava a França
quando Luiz XIII (nascido a 27 de Setembro de 1601,
e de problemática legitimidade) foi sagrado em Reims,
a 14 de Maio de 1610, pelo cardeal de Joyeuse.

Assim correm as coisas nas monarquias!

Um pequeno de oito anos é coroado rei; em nome
d'ele governa a mãe, e muitas vezes um amante dela,
como sucedia com Concini, o favorito de Maria de
Médicis.

A rainha distribuiu prodigamente os tesouros da
França pelos príncipes da família real, tolerou a tira-
nia dos governadores de províncias e conseguiu, à
força de concessões, adiar até 1614 as lutas que não
podiam evitar-se; mas a arrogância do favorito, tor-
nado marquês e marechal d'Ancre, a insaciável ambi-
ção da mulher d'ele, o desprêzo e aversão que a rainha
inspirava a todos, o peso dos impostos, determinaram
a nova guerra civil.

Muitos príncipes se retiraram para os seus domí-
nios; os governadores foram os primeiros a dar o
grito de revolta.

Uns tratavam com os estrangeiros; outros liga-
vam-se contra a rainha; outros só pensavam em
engrandecer, a custa dos vizinhos, os seus territórios,
que consideravam hereditários.

Após dois anos de guerra civil, em que tomaram
parte o príncipe de Condé, os ducs de Guise, de
Mayenne, de Vendome, de Nevers, de Rohan, e ou-



NO IMPERIO ANGOLANO

As infâmias dos altos funcionários contra os direitos dos indígenas

Acabamos de receber uma carta, que nos foi dirigida à redacção deste jornal, cujo conteúdo é o seguinte: «... Tenho lido sempre, e com o devido interesse, o que tendes escrito sobre a história dos crimes cometidos no reinado do Imperador Norton... muito vos ajudaria nomeando e causando factos que avolumariam a série de crimes daquele reinado.

«Um há que é tão revoltante que não posso deixar de lembrar-vos a usurpação, o esbulho, o roubo violento dos palmares seculares dos nativos do Alto Dande, feito com proveito da Companhia do Alto Dande, pelo próprio administrador de circunscrição, um tal bandido Eurico C. Pereira, sem peço de ser um funcionário da República e antes um falido comerciante, gozando de alta protecção do Imperador, e recebendo como prémio, em face de tão honrosa roubalheira, crime que é mais que hedionda escravatura, uma ingenua transferência...

«Os pobres nativos, roubados, levaram o seu justo clamor perante o Imperador, e este, enfiado por ser intocadado, escorregou-os, amordaçou-os como aos seus irmãos que osusaram levantar a voz, quer no jornal quer fora, perseguindo-os e destruindo-os, como vós muito bem sabeis.

«A pessoa dum Imperador, por ser grande, não se pediram responsabilidades, e antes de se lhe o galardão da embaixada de Londres; se se tratasse dum pequeno sofria logo a extorsão e havia logo lei para os seus crimes!

«Os pobres pretos é que ficaram roubados sem os seus palmares, o sustento de suas famílias e seus filhos!

A mesma Companhia, assim protegida pelo Imperador, no Dombé Grande, tem roubado todos os terrenos aos pretos, tendo até feito de noite, com luar, muitas demarcações, ali encontrando os pretos, de manhã, as marcas nos seus terrenos. E as suas queixas perante o governador de Benguela, feitas contra a Companhia, não têm sido ouvidas, antes sendo mais roubados, vendo-se obrigados a ir morrer para próximo das ondas do mar. Se quiserem cultivar um pouco de terreno, que é seu, e dêe esbulhados, têm de pagar certa quantia à Companhia, e não pagando são obrigados a trabalhar, cogidos, em proveito dela!...

«Mais que hedionda escravatura!!

... M. S. S. G.

Omitidas apenas as passagens que louvam A Batalha e o cumprimento do dever — assim o reputamos — da pessoa que vem rabiscando o que sobre Angola vimos lendo, eis a transcrição fiel da carta que acaba de chegar às nossas mãos.

Não precisa de comentários; por ela se apura o que tem sido a acção governativa, financeira, económica, administrativa e civilizadora dos filantropos políticos em Angola — oprímida, roubada e desgraçada província que tem uma história — odisseia atribulada, em cujas páginas são nós d'ado l'êr desprêso, miséria, dor e crime, como deixamos dito no «Notícia de Louanda».

«Progresso? Economia? Ordem! Apóstolos da Civilização?

Paralisando e inutilizando todas as energias e boas iniciativas, sacando dos cofres públicos e esbanjando todas as receitas provenientes de impostos e contribuições directas e indirectas, usando da violência e provocando a desordem, reduzindo a uma — Eu — as três pessoas gramaticais e escudadas na força e na lei, conjugando o verbo querendo ligar aquela pessoa no presente do indicativo — quero — eis os apóstolos do venha a mim do vosso reino...

O administrador de circunscrição Eurico da Costa Pereira enquanto comerciante também disse para o africano, conjugando aquele verbo «eu quero» — e vá de lhe vender, pelo mais elevado preço, a mais ordinária mercadoria.

Mas tal officio exigia-lhe um pouco de sacrificio; tinha que dar mais passos do que desejava. Depois era preciso ter uma paciência extraordinária para ouvir tantas vezes o negro, o matumbu dizer:

«E' xinhô! quitari cá ná!... — dinheiro, não tenho, não chega, ouvia o comerciante.

Uma quatro cervejas por dia que bebesse, a 10\$00, preço a que se vende em Angola a água gelada junto com lúpulo e cevada, no fim do mês dispndia 1.200\$00.

Esta importância era duplicada, pela dupla quantidade de cerveja bebida, por muitos indivíduos que naquelas passagens conhecemos. Mas para não exagerarmos, o que não queremos, tomamos o termo médio.

Uma garrafa de champagne 80\$00. Que bebesse umas quatro por mês, temos 320\$00; com outras bebidas diversas desta e mais caras do que a cerveja, 200\$00; em automóveis, a 7\$00 cada hora, umas dez horas por mês, o que é muito pouco, 70\$00; com a alimentação cotidiana 600\$00; outros extraordinários 500\$00. Temos, pois, no fim do mês, uma despesa de 3.570\$00.

E não falamos em jôgo nem tampouco nos dispndios com as condessas... prostitutas da elite.

Não se admirem os leitores se lhes dissermos que funcionários conhecemos que no fim do mês recebiam, só de chocolate, uma factura para liquidar, de 500\$00! E um conhecemos que ao cabo de pouco mais dum mês pagou ao «chauffeur» mais de 3.000\$00!!

Podemos calcular por quanto ficava a Angola cada um dos principaes Jantares e almoços de Norton de Matos.

Ora o falido comerciante para poder arcar com tais prováveis despesas, tinha que dispor de capital suficiente para isso e para continuar em pé.

Pensou em conseguir uma receita permanente e outra eventual, mais lucrativa e que lhe acarretassem um futuro mais próspero com a vantagem de menor sacrificio. Usando, pois, dos meios no seu alcance para conseguir os desejados fins, proclamou-se soba da circunscrição civil do Alto Dande — lugar sem dúvida dos mais rendosos em Angola.

Roubar e vender a propriedade alheia, era um acto comprehendido na sua competência administrativa.

O que faria o senhor administrador, ou qualquer europeu, ao africano que entrasse

FESTAS ASSOCIATIVAS

Universal Futebol Club

Para a continuação das festas da inauguração da nova sede realiza-se, no próximo domingo, 27 do corrente, uma corrida pedestre de 10 quilómetros, cujo percurso é do Senhor Roubado à sede deste clube, na calçada de Santo André, 45, 1.ª, para a disputa da taça «Luis Leite» e cinco medalhas de «vermelho», prata e cobre. A inscrição continua aberta, na sede deste clube, todas as noites, das 20 às 24 horas, até ao dia 26 do corrente. No mesmo dia, realiza-se, às 21 horas, uma recita desempenhada por amadores, seguida de baile toda a noite.

O aniversário da Associação dos Pessoal dos Hospitais Cívicos

Em poucas classes a festa do aniversário do seu sindicato profissional despertou tanto interesse como na do pessoal dos hospitais civis.

A numerosa classe vibra de entusiasmo ao pensar que amanhã terá ensejo de confraternizar durante algumas horas, confraternização que servirá como de lenitivo às suas dores vividas com as dores dos infelizes enfermos.

A festa do aniversário, que é o 15.º da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Cívicos tem lugar amanhã e consta de uma sessão solenne em que fará uso da palavra o nosso presado director José da Silva Santos Arranha e Abel da Cruz, Martins do Rêgo, Pereira Bento, pela Associação dos Enfermeiros e Enfermeiras da Região do Sul, António Barreira e um delegado da Associação dos Empregados de Farmácia.

Espera-se que presida a esta sessão solenne o director dos hospitais civis dr. sr. João Pais de Vasconcelos.

SOLIDARIEDADE

Alfredo Lopes e Francisco Gil

E' amanhã, e não na segunda-feira, como estava anunciado, que se realiza no Salão da Construção Civil, a festa de solidariedade a Alfredo Lopes e Francisco Gil. São dois militantes sindicalistas que à classe operária têm dado todo o seu esforço. Não os esqueça nesta hora a classe operária.

Alfredo Lopes é dos melhores, mais antigos e activos militantes da Construção Civil, e só a doença conseguiu o seu afastamento da organização sindical. Francisco Gil também é o nome de outro militante prestimoso, sendo devida à sua iniciativa a organização da Secção Sindical dos Carpinteiros da Construção Civil.

Do programa da festa constam o drama «Provas do crime», um grande acto de variedades: por amadores de diversos clubes e uns trechos de ópera por Jacinto Carreira Genez, além de cantares pela menina Branca Marques e canção nacional por cultores vários. O Grupo «Simpatias» executará a parte musical e a parte scenica está a cargo do Grupo Solidariedade Operária. Os bilhetes ainda hoje poderão ser adquiridos na sede do Sindicato da Construção Civil.

Pró-Filipe José da Costa

Por motivo de força maior ficou adiada a festa que se devia realizar amanhã, para quando oportunamente se anunciar.

Ficou adiada para o dia 7 do próximo mês de agosto a festa em benefício do trabalhador marítimo Joaquim Vieira.

Também foi adiada, sem que a data fosse marcada, a festa de Joaquim Carraquico, ferroviário do Sul e Sueste.

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma festa, cujo produto se destina a custear as despesas feitas com os melhoramentos na sede da Secção da Construção Civil do Alto do Pina.

A festa realiza-se na sede do Grupo Dramático «Os Aliados», rua Barão de Sabrosa, 185, tomando parte o Grupo Dramático Recreio Familiar «Os Reinados». Sobre a scena o drama em 2 actos «Garra de Abutre» e a comédia em 1 acto «Dispa essa farpela», tomando também parte um núcleo de cultores do fado.

A comissão previne todos os camaradas que tenham bilhetes em seu poder que os devem liquidar até amanhã, às 22 horas.

A inquisitorial sala-parlatório

Nota do Sindicato da Construção Civil

Fez a comissão administrativa deste organismo publicar em A Batalha um incitamento aos componentes da industria a não irem trabalhar num parlatório que se pretendia construir na cadeia do Limoeiro, o qual visaria a coartar aos nossos camaradas a liberdade de estarem juntos de suas famílias as poucas horas de visita. Constatou este sindicato, que vários operários, não tendo em conta a justiça dos que se encontram a ferros, se prestaram a ir trabalhar para a construção de tal casa.

Um dos operários que tal acto cometeram é uma criatura que, por afirmações feitas, nunca devia ter pensado em tal. E como este sindicato não pretende expor ao público o nome deste homem, apenas lamenta o facto, esperando que os camaradas que tal estão fazendo procurem, por todas as formas ao seu alcance, suavizar o sofrimento dos nossos camaradas presos, e nunca consentir-lhes mais com a sua attitude que devem recusar-se a construir o parlatório que não tem vantagem de qualquer ordem, nem para os presos, nem para a direcção das cadeias civis.

Um descarrilamento

BERLIN, 25. — Descarrilou o comboio de passageiros da linha Mayence Geroldstein, fazendo oito feridos. — (H.)

dentro da sua casa, o mandasse sair e se declarasse proprietário dela?

Fazer o que nos fazem é sempre de boa moral. O que o europeu te faria, africano, é o que tu lhe deves fazer!

Do contrário serás eternamente oprimido, escarnecido — eternamente sudra, escravo, prisioneiro, miserável!

Acorda, bicho! e grita: «Sou homem!»

Correia de SOUSA

Um protesto contra as touradas de morte

O Conselho Directivo da Liga de Defesas dos Animais, procurou ontem o ministro do interior, a fim de protestar contra a realização de uma tourada, no palácio Fronteira, em Bemfica, na qual foi morto um touro.

A mesma instituição considera justamente que os touros de morte são espectáculos bárbaros e degradantes. Na sua entrevista com o ministro do interior, apresentou o referido conselho uma reclamação para que não seja consentida a tourada de morte anunciada para domingo próximo, no Campo Pequeno.

A representação, que foi entregue ao ministro do interior, é redigida da seguinte forma:

«Diz o artigo n.º 2 do Decreto n.º 5650, de 16 de Maio de 1910: Toda a violência exercida sobre os animais é considerado acto punivel.

Diz o artigo n.º 1 do Decreto n.º 5864, de 12 de Junho de 1919; que espancar animais é considerado acto cuja punição deve ser promovida pelos agentes do Ministério Público.

Diz a Portaria n.º 2700 de 6 de Abril de 1921: Com o fundamento de que as touradas eram um divertimento bárbaro e improprio de nações civilizadas, e que unicamente serviam para habituar os homens ao crime e à ferocidade, foram ellas prohibidas por decreto de 19 de Setembro de 1836. E não obstante ter sido este decreto revogado pelo lei de 30 de Junho de 1837, é certo que o bárbaro espectáculo de touros de morte não tem sido permitido no nosso país.

Mas porque tenha succedido que em um outro ponto do país e a despeito da vigilância das autoridades, se tenham realizado touradas de morte, e convidado por cóbros a tão grave abuso, que é ao mesmo tempo um crime considerado punivel pelo decreto n.º 5550 de 10 de Maio de 1919. Manda o governo da República Portuguesa, pelo Ministério do Interior, sejam rigorosamente observadas as disposições do citado decreto n.º 5550, cuja doutrina implicitamente se opõe à realização de touros de morte.

E, finalmente, diz a imprensa diária do dia 24 do corrente, referendo-se a uma festa elegante, no palácio Fronteira, na qual uma sociedade se organizou um bárbaro espectáculo de crueldade inútil, para oferecer a um publico que anda se delicia com a dor muda de animais sacrificados e sente prazer em ver correr o sangue de vítimas indefesas! «Por fim Cañero realizou a grande surpresa anunciada no programa: a morte do touro».

«Para isso fez duas estocadas sem resultado, tentou com igual sorte um descabelo, mudou de estoque, repetiu o descabelo e finalmente o bicho lá tombou, entre os aplausos da assistência!»

Senhor ministro: Crêmos que nada de mais fortificante e animador poderia neste momento ser oferecido à consciência do país! E cumpre-nos em nome desta Liga, que representa milhares de consciências, lavar o mais solene protesto contra esta infracção às leis do país, às leis humanitárias, áquelas que mais podem concorrer para levantar o nível ético do nosso povo, tão miseravelmente abatido e deprimido.

Foi perante as leis citadas e perante os alicerces humanitários da nossa civilização — uma infracção, um crime — o que se praticou ontem no palácio Fronteira.

Ora à consciência pública, na generalidade compassiva e bondosa, repugna e indigna ver-se retroceder — para satisfação duma minoria de retardatários da civilização e de herdeiros de tradições, que a educação e cultura modernas têm vindo suprimindo por toda a parte — a semelhantes espectáculos que nos maculam e desconheciam perante o mundo.

Essa consciência popular, que felizmente é maior do que se supõe, reclama que os deveres do homem para com os animais sejam uma realidade e observadas as leis que defendem da crueldade e ferocidade humanas os seres que como os homens são filhos de Deus.

Cumpra a esta Liga, ainda, informar que para o próximo domingo se anuncia idéntico espectáculo na praça do Campo Pequeno, em que a figura sinistra de Cañero procurará transplantar, da Espanha para Portugal, esses espectáculos infames e degradantes aos quais Primo de Rivera está preparando a agonia, desafiando o peante o mundo civilizado, da micula que tanto o desacredita, o país vizinho.

Pelo exposto, sr. Ministro apelaos, cõscios de que não permitirá mais essa infracção às leis do país e mais essa ofensa à consciência duma opinião pública que deseja ver o país enveredado pelo caminho das amplas reformas moralizadoras e éticas, aliás anunciadas, e não contentar-se a retroceder mais do que dantes, visto que os touros de morte não se abalançou a consentir a monarquia de Carlos I.º

O raio em casa

BERLIN, 25. — Em Neufels Sureder caiu um raio sobre um posto de T. S. F. matando sete soldados. — (H.)

Festa escolar

Amanhã, 27, pelas 14 horas, na Escola Industrial de Afonso Domingues em Xabregas, promovida pelos seus professores e demais pessoal, é prestada uma homenagem pública ao pintor João Vaz, por ser forçador por doença a demitir-se do cargo de director que na mesma Escola exerceu durante 42 anos.

Realiza-se a essa hora uma sessão solene, sendo depois feita a entrega de uma mensagem, um album artistico, em que são incluídos trabalhos literários e artisticos dos professores e decerrando o busto em bronze do sr. João Vaz que no pátio da Escola Afonso Domingues ficará perpetuando a sua memoria.

A's familias dos deportados

Pede-nos a mãe do operário deportado Daniel Severino que convidamos a reunirem-se amanhã ao meio dia, no Terreiro do Paço, as familias de todos os deportados sem julgamento, a-fim de realizarem uma demarche.

UMA PÁGINA OPORTUNA

A tinta e o sangue

Paul de Casagnac crê que o homem politico deve ser um cidadão muito valente e muito destro no manejo da espada e que logo à primeira ofensa deve expor o seu peito ao adversário.

Este politico não é, segundo ele, digno do poder senão quando o conquista à mão armada e o conserva do mesmo modo como os bandidos românticos se apoderavam das equipagens e dos viajantes na idade de ouro das diligências.

Toda a importância do homem politico se apoia segundo Paul de Casagnac no carácter. O talento não serve para nada, porque um homem de talento que não seja valente, faz uma figura ridicula no campo de honra. Os pensadores em politica estropiam tudo: são precisos soldados. Não importa que sejam uns animais, importa que tenham boas mananplas. Não deveis ir à escola, somente aos gymnásios e ás salas de esgrima.

Eu, pelo contrario, creio que se o seu carácter não vai acompanhado por mais alguma coisa para nada presta.

Quero provar que se o carácter não se agrega ao talento, a intelligencia e força do coração e da logica, o homem será unicamente uma fera perigosa que matará com maior ou menor heroismo. Ser forte no bom sentido da palavra não é simplesmente querer e poder — neste caso se encontram quasi todos os bandidos —, é ter génio, é deixar atrás de si uma obra de verdade e de justiça. A luta está por entre a pena e o sangue.

Eu pergunto: — que império o sangue fecundou? Qual é a conquista feita pela espada? Qual é o império de Alexandre? Qual é o império de Napoleão? Toda essa chuva de sangue inundou a terra, sem fazer brotar uma ideia sequer.

E agora falemos da tinta, dessa tinta que Paul de Casagnac deprecia tanto. A tinta fecunda; na tinta se encontra a grande força da civilização. Não existe nenhuma ideia, que a tinta não regasse. Dos tinteiros dos sábios e dos escritores brota uma maravilhosa flor, a flor maravilhosa do génio do homem.

Quando Napoleão nos afogava em sangue inútil o tinteiro de Lavoisier e de Gay Lussac criavam uma sciencia, e do tinteiro de Vitor Hugo nascia uma literatura. De saio que me provem que não existe um projecto humano que não tenha sido fecundado por uma gota de tinta.

Não é pois defeito ter os dedos tingidos de tinta.

Faz mal Paul de Casagnac em falar dos tinteiros. Cura-se uma ferida feita por uma espada, mas não se cura uma ferida feita por uma pena. E que a espada é a arma dos musculos e nada prova, e a caneta é a da alma e da intelligencia. Talvez alguns politicos se incomodem ao olharem-se neste espelho de duellista, e se apodem eles mesmos de acção, chamando-nos homens de gabinete.

Vejamos. Um homem encontra-se no seu gabinete, só, sem mover-se, tendo na frente um tinteiro, uma caneta e um papel. Esse homem é Rabelais, é Molière, é Balzac. Nessa morte aparente dos membros, existe uma acção que vai comover o mundo, adiantar os séculos, avançar a humanidade; porque assim o cérebro actua e trabalha pela moralidade.

Um homem encontra-se no poder e tem a pretensão de fazer um povo. Esse homem é Casimiro Perier, é Guizot, é Thiers. Porém, quando a sua época chegou, o ruído do seu nome desaparece com a sua obra, não deixando mais na memoria das gentes que a figura de um fantasma, tal como os grandes comediantes.

Isto quer dizer que a acção real e duradoura se encontra no pensamento escrito e que os politicos por mais altos que sejam morrem sobre a turba, à medida que os seus castelos de cartas se desfazem sobre a areia sempre movevida da historia.

Se qualquer de nós no fundo do seu gabinete tem génio bastante para escrever uma obra prima, ela por si só immortalizará a França. Do desaparecimento de Roma ficou Virgilio. Nós somos a grande força, com o nosso tinteiro e a nossa caneta: como donos dos ouvidos e do coração do povo.

Um escritor fará sem dúvida ridicula figura no poder, porque se esqueceu de aprender esgrima e equitação. Mas vós deveis governar, faremos a vossa historia, porém, recomendo-vos cuidado. Em Roma éramos juvenal e escreviamos sátiras. No tempo da restauração publicamos folhetos com este nome: Paul Louis Courier; em 2 de Dezembro chamava-nos Vitor Hugo e esboçavamos o império nascente lançando o grito sublime de «Les Châtiments».

O que as nações modernas esperam é um messias de verdade, e os novos profetas que anunciam a sua vinda dão-nos sangue que para nada presta, porém os novos apóstolos, os sábios e os escritores dão a sua tinta que fecunda a nossa intelligencia.

Emílio ZOLA

O estudo da sismologia portuguesa

O Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra, intensificando cada vez mais os seus serviços, resolveu, para melhor conhecimento da sismicidade do nosso país, distribuir, pelos inspectores escolares, que por sua vez enviarão aos professores dos seus círculos, questionários, que serão preenchidos pelos mesmos professores, no caso de serem sentidos, na sua região, quaisquer abalos de terra. Esta fórmula, já usada em outros países, além de ser um valioso auxilio para o estudo da sismologia portuguesa, faz interessar assim um grande número de pessoas nos progressos duma sciencia que visa unicamente a estabelecer a segurança dos povos, pelo estudo dia a dia mais completo das regiões instáveis do globo, onde construções especiais são recomendadas.

Secção Telegráfica

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleos da Covilhã, Pórtó, Gouveia, Graça do Divor e Vendas Novas. — Enviem sem demora as credenciais para os vossos delegados ao Conselho, conforme circular.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

A imprensa contra a censura prévia

De A Noite:

«Sem a imprensa, ninguém poderia neste país formar um juizo seguro acerca da administração pública. Só a palavra escrita, exercendo cotidianamente o seu poder de penetração, pôde concentrar no espirito do exercito os elementos necessários à eclosão do movimento. Pois bem; medida prática, tangivel até hoje, só esta: a censura.

E' pouco! E' pouco e é demais. O governo tem na administração pública muito erro a corrigir, muita immoralidade a punir, mas tem sobretudo muito problema a resolver, muita justiça a administrar, mas até hoje nem a questão dos tabacos nem as despesas públicas, nem a desmontagem da própria máquina administrativa democratica lhe mereceu, como a liberdade de pensamento, um golpe tão certo.

O perigo das situações de força consiste precisamente em que, à volta delas, imergem de todas as sombras os sobreviventes de um passado de morticínio e de terror.

Há certos momentos politicos que vão acordar uma ancestralidade que a liberdade e a lei obrigaram a um refoulement completo. Nesses momentos, uma mentalidade vencida há pouco mais de um século, accorda nos seus heredismos brutais e apossa-se dela uma espécie de crise de visão transfiguradora de todos os acontecimentos e da própria História. E' esse o perigo.

Do Diário do Pórtó:

«De Lisboa communicam — com a sans facon que supõem o momento justificar — que vai ser estabelecida a censura jornalística.

Os resultados que a autoridade, no geral, tira dessa violencia são sempre contraproducentes.

O jornalista escreve e escreve aquilo que os seus informadores lhe dizem ou o que o seu cérebro congeinou sobre factos e coisas.

Vem de lá o censor e censor arranjado entre os adeptos da situação, seja ela qual for, e vendo as coisas através do seu critério pessoal, corta...

E o jornal sai com manchas brancas donde a onde, a mostrar a ferocidade de Holofernes-censor decapitando artigos...

E o publico vê e conjectura: que seria aquella prosa que censuraram? O que será?

E calcula graves acontecimentos, terrificas coisas, quando, na maior parte dos casos, foram apenas simples noticias com que o censor embriou — e sem offensa aos censores futuros e não comprehendem. E como estamos em terra onde todos somos conhecidos — e amigos, cada um procura saber o que dirlam aqueles brancos, quando foram... pretes...

Se o congozse fica-se a rir do censor e da censura; se o não consegue pensa coisas horroscas. De forma que a censura ou é inútil ou é alarmante».

A grande fabrica do Pensamento (Simplex hinc circumsvolucionada) No boião ali encarcerada, Como será o seu funcionamento?

Mineiros da Checoslováquia

PRAGA, 24. — Os mineiros checoslovacos reuniram-se em congresso nos principios do mês de março. Foi promovido esse congresso pela Federação dos Mineiros que os socialistas independentes monopolizam. Dentro deste organismo trava-se actualmente uma encarnizada luta entre os socialistas, comunistas e anarquistas.

No meio da contenda, são os socialistas que mais terreno perdem. Assim, no ultimo congresso, o socialista Pizsarzewitch foi derrotado pelo comunista Fischer, que assumiu a presidência da Federação. A questão da unidade foi relegada pelo choque das tendências para outra oportunidade, de visto que o congresso se absteve de a discutir.

Neste branco solitário, Onde a censura me tem, Penso, escrevo, sou lido, Não respondo a ninguém.

Um congresso de sindicatos operários em Lyon

PARIS. — Há dias, reuniu-se na cidade francesa de Lyon um congresso para a constituição de uma união de sindicatos unitários da região lyonesa. Os delegados foram em numero de 185, representando 116 sindicatos.

Ao iniciarem-se o congresso foram aprovadas sem discussões duas moções, uma delas dizendo respeito aos professores do Rhône filiados na C. G. T. U., na qual se protestava contra os atentados governamentais à liberdade de opinião dos funcionários e a violação do direito de associação; a outra, protestando contra a condenação de militantes operários e afirmando a solidariedade a todas as classes em luta com o patronato.

Debateu-se longamente o projecto de estatutos apresentado pela comissão organizadora, os quais foram finalmente aprovados com várias alterações, e assim ficando constituída a União dos Sindicatos da Região Lyonesa.

Monmousseau, na sessão seguinte, fez uma larga exposição sobre a situação económica, passando em revista as causas da grande crise e os perigos que ameaçam o operariado. Com a inflação fiduciária encarece o custo da vida e deprecia-se a taxa de salários; com a estabilização da moeda surge a crise de trabalho, a ameaça sobre o regime de oito horas e a baixa de salários.

Depois, aprovaram-se os relatórios sobre as juventes e a organização das mulheres. Nomeou-se logo o comité executivo da União, que ficou composto de treze membros dos sindicatos de Lyon e arredores, um delegado das juventes, outro da organização feminina e um outro dos operários estrangeiros. A comissão de controle ficou composta de cinco membros indicados pelo congresso. Foi ainda nomeada uma comissão de propaganda. Com um breve discurso de Monmousseau, que presidiu, foi encerrado o congresso.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato da Construção Civil. — Secção do Alto Pina. — Reuniu-se a comissão administrativa que deu despacho a vario expediente, resolvendo continuar as demarches até conseguir autorização do senhorio para modificações na sede. Apreciou a forma mais viavel de abrir a escola, sendo resolvido mudar os gabinetes da comissão administrativa para outras dependências e convocar a assembleia geral para o dia 6 de julho, que se pronunciará sobre assuntos que ficaram pendentes desta reunião. Aproveitou-se um protesto contra a censura à imprensa.

Pintores da Construção Naval. — A direcção appreciou a suspensão dos operários que trabalhavam a bordo dos navios de guerra «Vasco da Gama» e «Sagres», sob as ordens da Parceria dos Vapores Lisboenses. Resolveu nomear Fernando Leal como delegado à comissão de negociações do pessoal suspenso. Aproveitou um voto de sentimento pela morte de Sebastião Eugénio.

CONVOCAÇÕES

Sindicato U. da Construção Civil. — Comissão Escolar. — Para dar andamento aos trabalhos da reabertura da escola, pelas 21 horas, esta comissão.

Manufactureiros de Calçado. — Pelas 21 horas, a comissão de propaganda.

DIAS PROXIMOS:

Sindicato Unico da Construção Civil. — Secção dos Canteiros e Polidores de Marmores. — Reúne amanhã, às 16 horas, a comissão revisora de contas do 1.º trimestre de 1926.

Pessoal do Município. — Na próxima segunda feira, às 21,30 horas, reúne a assembleia geral, para discussão dos estatutos e preenchimento de cargos vagos.

Sindicato Metalúrgico. — Segunda feira, pelas 20,30 horas, a comissão de melhoramentos e os delegados das secções